



ISSN 1984-5634

## EDITORIAL

ELISA SCHNEIDER VENZON\*

**A** *Aedos* homenageia, com imensuráveis apreço e respeito, a produção de um dos grandes historiadores brasileiros da atualidade nesta edição especial da *Acordes: Durval Muniz de Albuquerque Júnior*. Instigado por uma *historiografia da diferença*, ideia tão cara defendida por este historiador e professor de história no percurso de seus trabalhos e de suas falas, o presente volume conta com uma variedade de artigos, resenha e entrevista dedicados tanto à sua trajetória profissional quanto à discussão acerca da possibilidade de uma escrita da história que se experimenta através da invenção, da alteridade e do movimento. É nesse sentido que também a seleção de resenha e artigos livres tem como objetos de estudo múltiplas temporalidades, espacialidades e personagens, frutos de escolhas e arranjos dos acordes possíveis dada a subjetividade de cada autora e autor.

Se a aproximação da história com outras humanidades foi vista com receio por expoentes de correntes historiográficas em tempos anteriores, Durval Muniz é um dos e das que têm se colocado do outro lado desse movimento ao incentivá-la e ao demonstrar as afinidades que têm entre si as humanidades como um todo, reservando um lugar especial ao vínculo entre a literatura e a história. A escrita da história, na sua visão, perpassa por práticas cotidianas de leitura literária, pela preocupação com o estilo e a forma dos textos e pelo uso de figuras de linguagem como a metáfora e a ironia com o objetivo de desnaturalizar a produção de conhecimento histórico e a racionalização dos seus objetos de estudo, eventos ou sujeitos. É precisamente por “dar visibilidade a existências, de pensar a existência, de materializar existências que, normalmente, a história teve uma enorme

**EDITOR-CHEFE:**

Vicente da Silveira Detoni

**EDITORA-GERENTE:**

Renata dos Santos de Mattos

**COMO CITAR:**

VENZON, E.S. Editorial. *Aedos*, v. 14, n. 33, p. 3-4, jan.–jun., 2023.

<https://seer.ufrgs.br/aedos/>

\* Mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGH/UFRGS). ORCID iD: 0009-0002-9978-4222. E-mail: elisavenzon@gmail.com

dificuldade de lidar com”<sup>1</sup> que a literatura, por meio de sua sensibilidade e subjetividade particulares, adquire tal relevância nas narrativas de sua invenção. Por entre os fluxos descontínuos e as fronteiras disputadas na historiografia entre objetos ordenados e representações, o autor encontra a liberdade e o conforto para trazer, através da poesia, vida à (sua) história. Quando, dentre tantos exemplos possíveis, associa vento e evento ou se vê seja como o tecelão no ateliê ou o navegador que sorri ao atravessar o rio, Durval Muniz também inspira o olhar poético, experimental e carinhoso dos e das historiadoras para os seus próprios acordes.

Acordes, notas avulsas combinadas para produzir um som, têm o potencial de dar o tom a uma canção e despertar emoções das mais variadas nos que a ouvem (ou vêem sua interpretação): saudade, medo, ansiedade, felicidade, decepção... Assim é que a seleção desses conjuntos se torna fundamental no musicar, ainda que este reclame escolhas também no que diz respeito ao ritmo, harmonia e, em muitos casos, letra e voz; sobretudo, a música existe a partir das eleições de quem a compõe. E, se qualquer uma ou um pode fazer música, da mesma maneira é verdade que esta só tem a ganhar quando articula prática à teoria, quando brinca com as referências e as expande para o desconhecido, quando tem liberdade para experimentar o estranhamento até torná-lo, enfim, harmônico. O percurso de quem fez uma canção está nela impresso, carregando consigo a(s) vivência(s) dos que a compuseram e os significados que cada escolha feita (re)produziu e o continua a fazer; para, quando ouvirmos e somarmos nossas próprias experiências, descobriremos a singularidade daquele som para cada um de nós.

Múltiplas, tais quais as canções, parecem ser as (nossas) histórias, uma vez produtos de escolhas possíveis dada a subjetividade de cada historiador e historiadora, leitor e leitora, sua coragem em inventar – inclusive à si mesmo(a), em experimentar novos acordes e em expandir o olhar para o plural, o instável, o diferente. Este é, afinal, o legado da historiografia da diferença e de seu ferrenho defensor, Durval Muniz.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Corpo, acontecimento e diferença: Deleuze e Guattari e a historiografia. Uma entrevista com Durval Muniz de Albuquerque Júnior. [Entrevista concedida a] Gabriel José Pochapski e Fábio Leonardo Brito. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 24, n. 1, p. 149-156, jan./abr. 2020.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. História: Métier e Prazer. [Entrevista concedida a] Jânio Gustavo Barbosa e Olívia Morais de Medeiros Neta. **Revista Espacialidades** [online], v. 1, n. 0, 2008.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru: Edusc, 2007.

1 ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. História: Métier e Prazer. [Entrevista concedida a] Jânio Gustavo Barbosa e Olívia Morais de Medeiros Neta. **Revista Espacialidades** [online], v. 1, n. 0, 2008, p. 9.